

SUMÁRIO:

- ✓ HOMENAGEM
a Jean Onimus
- ✓ RETRATOS de
Teilhard de Chardin
Pierre Leroy sj
- ✓ EU CONHECI Teilhard
Pierre Leroy sj
- ✓ NOVOS LIVROS
sobre Teilhard
por:
Gérard-Henry Baudry
Jean-Pierre Demoulin
Bernard Sesé
(Maurice Ernst)
- ✓ TEILHARD na Internet
- em português
Padre Paulo Meneses s.j., UCP
- ✓ ORANDO com Teilhard
«Será de facto verdade,
Senhor?»
- ✓ LA PENSÉE de Teilhard



Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

R. Vila Catió, 397 - 6.º eq.
1800-348 LISBOA
teilhard.portugal@sapo.pt
www.teilhard-world.com

*Divulgue a AAPTCP
junto dos seus amigos*

HOMENAGEM a Jean Onimus

Em 26 de Agosto de 1949, Teilhard de Chardin escreve à sua secretária e legatária dos seus textos, Mlle. Jeanne Mortier, referindo-se à obra que acabava de terminar: «Um livro honesto [...] Não vejo qualquer razão a que a censura se possa agarrar. Apenas que, em filigrana, se encontra aí (mais condensado e afinado) exactamente «O Fenómeno humano». E, em 29 de Outubro do mesmo ano, escreve ao P. de Lubac: «Acabo de terminar uma obra mais curta [que O Fenómeno Humano] (e mais afinada) sobre o mesmo assunto, em que não consigo ver onde é que a censura possa ferrar o dente, a não ser no facto de a perspectiva ser totalmente iluminada e impregnada daquela “fé no homem” de que tanto desconfiavam».



Tratava-se da obra “La place de l’homme dans la nature” (1), a que Teilhard chamará na sua correspondência o seu “livro nº 2”; não receberá igualmente de Roma autorização de edição, vindo só a ser publicada em 1956, um ano após a morte do autor, na editora Albin Michel, Paris.

Em 1996, para uma reedição da obra, o mesmo editor encarrega Jean Onimus de fazer a apresentação do livro. Das suas 250 páginas, as primeiras 90 são ocupadas com este trabalho que, por si só, constitui “um quadro magistral da visão de Teilhard de Chardin”, na expressão de Jacques Masurel, director da revista trimestral “Teilhard Aujourd’hui”(2).

Já em 1963 tinha Jean Onimus publicado um livro, na colecção “La recherche de l’Absolu”, da Plon, intitulado “Pierre Teilhard de Chardin ou La foi au monde”, que constituiu um marco na série de estudos e ensaios que, à volta da edição completa da obra de Teilhard de Chardin nos finais do anos 50, vieram a público com uma pujança extraordinária, não só nos países francófonos mas por todo o mundo, incluindo Portugal.

Jean Onimus era, à época, Professor na Faculdade de Letras de Nice e foi um dos principais animadores dum grupo de estudo do pensamento de Teilhard de Chardin que, a partir de 1965, se criou por iniciativa do Abbé Émile Chovanay (2), na igreja de Villefranche, perto de Nice. Nesse grupo, que funcionou durante dezenas de anos, Jean Onimus participou activamente, quer como conselheiro dos trabalhos, quer como conferencista.

Jean Onimus deixou o mundo dos vivos em Agosto de 2007, com a idade de 98 anos. Produziu uma vasta obra como articulista, poeta e ensaísta, nos campos da moral, da teologia, da ciência, da arte e da literatura. Entre os seus escritos mais recentes encontra-se um novo livro sobre Teilhard de Chardin, publicado em 1991 pelo editor Albin Michel, intitulado “Teilhard de Chardin et le mystère de la terre”.

Como singela homenagem a este grande amigo de Teilhard de Chardin, aqui deixamos a tradução do final da sua apresentação a “La place de l’homme dans la nature”:

«Apesar de todas as experiências adversas e das torrentes de horror que nos submergem, a confiança no Humano sempre triunfará, já que é o próprio élan de vida, aquilo que nos transportou ao ponto onde nos encontramos e que continua a arrebatá-nos para uma realização final indizível, improvável, da qual guardamos misteriosamente em nós, no mais secreto do nosso ser, uma estranha nostalgia. É esta realização final, de que a nossa experiência terrestre jamais nos deu uma ideia, que Teilhard nos ajuda a entrever e nos revela: “Penso que toda uma vida de esforços nada pesaria se eu pudesse, apenas por um instante, mostrar aquilo que eu vejo”... Este patético grito data de 1948, exactamente um ano antes de La place de l’homme dans la nature. Servia de introdução a um texto pelo qual Teilhard tinha uma predilecção, cujo título é Comment je vois.

Possa esta apresentação ajudar a mostrar aquilo que Teilhard via e a fazer brilhar na sarça uma centelha. A vós de fazer o resto.»

(1) editada em Portugal pela Editorial Presença, em 1962, em tradução do Padre Manuel Versos de Figueiredo sj, sob o título “O Lugar do Homem no Universo”

(2) “Teilhard Aujourd’hui”, nº 24, Dez. 2007, Associat. des Amis de P. T. Chardin, Paris, pag. 11-23



RETRATOS de Teilhard de Chardin

**“Pierre Teilhard de Chardin,
tel que je l’ai connu”⁽¹⁾**

«Este olhar, ao encontrar o nosso olhar, trai a sua alma: uma simpatia que nos tranquiliza, que nos dá confiança. Quando lhe falamos, sentimo-nos melhor; sabemos que nos escuta e compreende. Ele acredita, por si próprio, no poder invencível do amor: os homens fazem mal quando não se amam. Ingenuidade? Não; ele é bom, bom para além do comum. E, para ele, não é pura convenção sentimental inscrita num temperamento generoso, é fruto das suas meditações, é certeza adquirida após anos de reflexão.

Porque interioriza na sua alma esta convicção, o Padre Pierre Teilhard de Chardin pratica o esquecimento de si próprio numa união de simpatia para com qualquer ser humano, para com toda a humanidade.

Padre e sábio; isto não é assim tão raro na história. Mas tão próximo da terra, tão penetrado do valor da matéria, que espanta como um paradoxo. A bem dizer, aqueles que se escandalizam desconhecem a profundidade a que chegou para amar Deus e o mundo ao mesmo tempo: “O mundo, diz-nos ele, ao longo de toda a minha vida, iluminou-se pouco a pouco, inflamou-se a meus olhos até se tornar, à minha volta, inteiramente luminoso por dentro... Clarões púrpura da Matéria cambiaram insensivelmente no ouro do espírito para, por fim, se tornar na em incandescência dum Universo Pessoal...”

“Tal como eu experimentei, no contacto com a terra, a diafania do divino no coração dum universo ardente – o divino resplandecendo da profundidade dum matéria em fogo.”

Paradoxo, este padre que, a julgar pelas aparências, é tão pouco eclesiástico, tão à vontade em todos os meios intelectuais, mesmo os menos religiosos; que encontramos na linha da frente do pensamento e que consagra a sua vida a estudar o que há de pertença animal no homem.

Paradoxo, este sábio especialista na ciência do Passado e a quem só interessa o Futuro.

Sem dúvida, ele será tudo isso, mas, acima de tudo, ele é padre, profundamente ligado à Igreja e aos seus dogmas; fiel até ao fim, apesar dos vexames, das dificuldades e das sugestões que lhe chegam de todos os lados.»

(tradução de T.P.H.)

(1) « Pierre Teilhard de Chardin, tel que je l’ai connu », (Plon, 1958), de Pierre Leroy sj

“Pierre Teilhard de Chardin, *mon ami*” por Pierre Leroy



Padres Pierre Leroy e Emile Licent

O Padre Pierre Leroy sj, bio-paleontólogo, passou grande parte da sua vida na China, onde colaborou com o Padre Emile Licent sj, pioneiro das escavações paleontológicas naquele país, com o qual Teilhard também viria a trabalhar. Entre 1939-1946, foi companheiro de Teilhard de Chardin no Instituto de Geobiologia de Pequim, tempo em que se teceu entre ambos uma profunda amizade que duraria até ao fim da vida de Teilhard. Entre diversas obras que Leroy escreveu sobre o amigo, conta-se “Pierre Teilhard de Chardin, tel que je l’ai connu”. Também publicou um volume com a correspondência trocada entre ambos, de 1948 a 1955, a que deu o título “Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin, mon ami”. Deste livro,

extraímos (em tradução de TPH) algumas passagens tiradas do prefácio, em que Leroy nos dá testemunho dessa forte amizade. Este volume de cartas fecha com um texto de Leroy recordando as suas reflexões diante do caixão do amigo, no dia seguinte à sua morte e poucas horas antes de ser sepultado no cemitério jesuíta de Poughkeepsie, perto de Nova Iorque. A finalizar, damos, pois, na íntegra a tradução desse texto, que, para além duma sentida despedida, exprime a admiração incondicional de Leroy pela personalidade de Teilhard de Chardin.

« *Naquele dia, eu acabava de chegar duma viagem de pesquisas nas costas do golfo de Pei Tchei ly. Os piratas que enxameavam os mares da China tinham obrigado o capitão a desviar o navio. O barco era esperado em Tientsin na quarta-feira, mas só entrou no porto no domingo seguinte.*

Enquanto ia subindo o caminho da Universidade, tive um encontro inesperado. O Padre Teilhard, que eu cuidava andar pela Ásia central em caminhos mongóis, na rota do Cruzeiro Amarelo, eis que vinha na minha direcção. Ainda estou a vê-lo, vestido com o seu fato de sacerdote e um sobretudo ligeiro: a cabeça ligeiramente inclinada para a direita e de braços abertos para me acolher. Um sorriso de boas-vindas iluminava-lhe o rosto, algo encoberto por um chapéu de feltro preto. Era o mês de Abril de 1931.

Não me enganara: a minha primeira impressão tinha sido a melhor quando, três anos antes, o conheci. Estudante em Nancy, onde me preparava para ir juntar-me ao Padre Emile Licent, director do laboratório de biologia de Tientsin, tive a sorte de ter com o Padre Teilhard, de passagem por Paris, uma conversa no seu laboratório de paleontologia, no Museum da praça Valhubert. Tinha aceitado receber-me durante duas horas.

Já tinha ouvido falar dele e do sucesso das suas primeiras expedições na China, mas não imaginava como ele seria. Naquele dia, ele ali estava, na minha frente, brincando distraidamente por entre os dedos afilados com um lápis que tinha na mão. Tinha-se sentado familiarmente no rebordo da sua mesa de trabalho deixando-me a única cadeira que havia na sala.

Era de estatura esguia; o rosto marcado por rugas que os ventos do mar e do deserto lhe haviam cavado; testa alta, cabeleira abundante. Através do seu olhar transparecia a bondade.

Tudo nele denotava a cortesia própria dos homens bem nascidos; usava cabeção e, em vez de sotaina, uma capa; a simplicidade distinguia-o doutras pessoas, ciosas de dignidade e de valor pessoal.

Este encontro de 1928 tinha-me seduzido, mas como eu estava longe de imaginar que uma amizade me ligaria a ele para sempre! Foram necessárias circunstâncias excepcionais! Com efeito, a guerra haveria de nos amarrar a Pequim; numa casa modesta, tivemos de sofrer a reclusão que nos era imposta pelos exércitos japoneses que ocupavam a cidade. De 1939 a 1946, a vida arrastou-se, monótona, mas também fonte de riquezas intelectuais e espirituais de que eu fui o beneficiário.

Todos os dias, depois do pequeno-almoço, o Padre Teilhard e eu encontrávamo-nos, no seu gabinete, antes de nos pormos ao trabalho; por volta das 5 horas da tarde, partíamos a visitar os Europeus bloqueados pela guerra. Assim, ao longo de sete anos, forjou-se uma ligação que só a morte quebraria. A diferença de idades – ele tinha mais dezanove anos do que eu – nunca constituiu

obstáculo; sentia-me compreendido e amado por este sábio tão generoso, tão modesto e tão cheio de bom humor.

A bomba de Hiroshima pôs fim à guerra. Ficámos livres, mas num mundo arruinado. A França, que havia sido reconquistada um ano antes, iria ser o nosso refúgio; não tínhamos senão um desejo: voltar a Paris e retomar os contactos.

Após uma espera fastidiosa, o Padre Teilhard embarcou em Xangai num barco inglês, o Strathmore, preparado para o repatriamento dos Europeus. Chegou a Paris no fim do mês de Abril de 1946; eu juntei-me a ele alguns dias mais tarde, sem saber o que o futuro nos reservava. Ele reocupou o seu quarto na casa dos “Études”, na rua Monsieur; quanto a mim, fui enviado para a Escola de Sainte-Geneviève, em Versalhes.

A partir de 1948, as viagens, as estadias no estrangeiro e o exílio do Padre Teilhard na América separaram-nos para sempre. A correspondência foi, então, o único meio de preencher o vazio da ausência; foi assim que eu pude seguir o meu amigo durante os últimos anos da sua vida.

[...]

Dois dias depois da recepção desta carta [a última do volume, datada de 4.4.55 (n.T.)], o Padre Breuvery telefonou-me de Nova Iorque para Chicago, onde eu me encontrava. Era o dia 10 de Abril de 1955, festa da Páscoa. Naquele fim de tarde de primavera – eram quase 6 horas – a noite descia sobre a exuberância da cidade; a alegria pairava no ar. Nada me havia preparado para a triste notícia.

Sem que alguém pudesse prever um fim tão súbito, o Padre Teilhard acabava de ser derrubado pela morte... no espaço de alguns minutos. Depois de ter festejado a Páscoa, distendido e bem disposto, tombou para sempre.

Só pude voltar a vê-lo na segunda-feira de Páscoa. O seu corpo estava exposto na capela particular dos Padres jesuítas do Colégio de Santo Inácio. Estava amortalhado com paramentos violeta; com as mãos postas, que seguravam um terço e um crucifixo, e com a face algo desfigurada, ali jazia no silêncio da morte. Tinha então chegado ao fim... Se eu perdia um amigo incomparável, o mundo e a Igreja perdiam um espírito fora do comum que, através de tantas vicissitudes e incompreensões, tinha tentado fazer a humanidade escutar uma mensagem de esperança.

Não conseguia desprender o meu olhar...; fiquei junto dele, relendo a sua última carta: «Escrevi um ensaio (Investigação, trabalho e adoração) sobre a necessidade de uma formação teológico-mística especial para os padres de laboratório, os padres investigadores, os padres operários...» Era, pois, este o fundo do seu pensamento: sem negligenciar a Terra, elevar-se para o Divino. Tudo aquilo que ele tantas vezes me tinha exposto me vinha à memória naquela hora de meditação face ao caixão que, dentro de algumas horas, iria ser fechado para sempre. Recordava as frases do Fenómeno humano tão cheias de sentido neste comovente tête-à-tête. «Quando o homem se individualiza, regressa à matéria; quando ele avança no sentido duma convergência com tudo o mais, em direcção ao Outro, torna-se Pessoa... As partículas humanas não devem juntar-se de qualquer maneira, mas por uma força colossal: o Amor... Precisamos de um Amor universal... O Mundo encontra a sua consistência gravitando na direcção dum foco divino de Espírito que o atrai para a frente...»

Ele tinha vivido intensamente o que pregava. Tinha acreditado, com todas as forças da alma, no Cristo de S. Paulo, no Cristo de S. João. Ele tinha batalhado pelo destino da Humanidade colectiva em marcha para Cristo, Mestre e Rei da criação. «A grande máquina humana é feita para caminhar produzindo uma sobreabundância de espírito. Se ela não engendrar senão matéria, trabalha às avessas...» «Um dia virá em que o homem reconhecerá que a ciência não é para ele uma ocupação acessória, mas uma forma essencial da acção...» «Um dia virá em que o homem compreenderá que é para saber e ser, mais do que para ter, que dará a Vida...» «Não um progresso indefinido..., mas um êxtase para além dos quadros do Universo visível...»

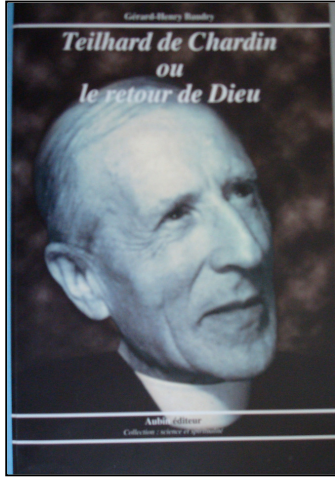
Que força adquiriam estas afirmações diante daquele caixão aberto! Aquele que tantas vezes mas tinha repetido tinha-me definitivamente deixado. Restava-me o seu exemplo e a sua mensagem, sempre presentes e actuais. »

Novos livros sobre TEILHARD

“Teilhard de Chardin ou le retour de Dieu”, *Gérard-Henry Baudry*, Aubin, 2007

Tradução da notícia de contra-capa :

Sábio de renome mundial e pensador de prestígio, Teilhard de Chardin escapa às categorias disciplinares, bem como às correntes que variam consoante a moda e a publicidade. Incompreendido ou monopolizado, emerge como uma figura excepcional da filosofia e da teologia do século XX. É certamente um dos grandes pioneiros da renovação religiosa que marca o nosso tempo e, sem dúvida, é um dos teólogos maiores para a nova evangelização.



A presente obra, baseada num conhecimento exaustivo dos textos de Teilhard e da sua vasta correspondência, releva, com precisão e clareza, o que o autor considera como o eixo privilegiado do percurso intelectual e espiritual do Padre Teilhard: a procura de Deus. Perseguida apaixonadamente durante toda a sua vida, ela constitui uma experiência de primeira ordem. Pela profundidade da sua análise e a riqueza da sua síntese, atinge o universal. É esse caminho um exemplo para um homem que se situe na modernidade. A análise do fenómeno religioso, considerado como parte integrante do fenómeno humano, conduziu o Padre Teilhard a prever não só o regresso do religioso, mas sobretudo o regresso de Deus à consciência dos homens do século XXI. Deus não morreu. Ele regressa.

Gérard-Henry Baudry é sacerdote da diocese de Nantes, universitário, doutor em filosofia (Universidade de Nantes) e doutor em teologia (Instituto Católico de Paris). Para além de diversas publicações teológicas (como *O Pecado original*, Beauschesne), assegurou a coordenação da enciclopédia *Catolicismo* (Ed. Letouzey & Ané). Bem conhecido como um dos maiores conhecedores de Teilhard de Chardin, foi encarregado pela *Fondation Teilhard de Chardin* (Paris) de preparar a publicação dos textos ainda inéditos. Depois da edição das *Cartas inéditas* de Teilhard de Chardin ao Abbé Gaudetroy e ao Abbé Breuil (ed. Rocher, 1988), assegurou a das *Notas de retiros* (ed. Seuil, 2003) e a das *Notas de leituras* (Médiasèvres, Paris, 2007) € 18.00 (preço em França)

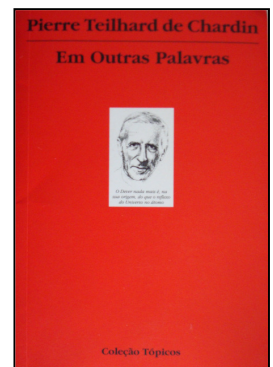
“Pierre Teilhard de Chardin, em outras palavras”

textos de Teilhard coligidos por Jean-Pierre Demoulin,

Colecção Tópicos, ed. Martins Fontes, São Paulo, Brasil, 2006¹

Tradução da notícia de contra-capa da edição francesa de 2005 (“Je m’explique”, Seuil) :

Este livro, inteiramente revisto e aumentado em relação à primeira edição (1966), é uma selecção de textos a partir da obra do Padre Teilhard de Chardin. É o único que apresenta em conjunto o pensamento teilhardiano estruturado segundo as suas próprias indicações e reproduzindo unicamente os seus próprios textos. Foi concebido por Jean-Pierre Demoulin para constituir um panorama completo, racional e coerente do pensamento de Teilhard, a fim de convidar à leitura da obra em si e permitir a todos uma entrada na grande síntese teilhardiana, na sua “visão” crística e cósmica. Essa visão de Teilhard atinge a sua mais perfeita expressão num escrito do final da sua vida, intitulado *Le Christique*:

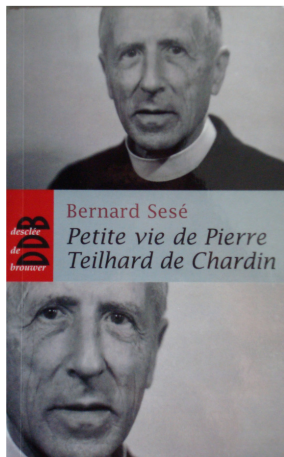


«A Energia fazendo-se presença. E, deste modo, abrindo-se ao Homem a possibilidade não só de crer e esperar, mas de *amar*, co-extensivamente e co-organicamente com todo o passado, o presente e o futuro do Universo em vias de concentração sobre si próprio. Pareceria que um único raio duma tal luz, incidindo como centelha sobre a Noosfera, deveria provocar uma explosão suficientemente forte para abrasar e renovar quase instantaneamente a Terra».

Jean-Pierre Demoulin, doutorado em medicina, é presidente do Centre Belge Teilhard de Chardin e membro da *Fondation Teilhard de Chardin* (Paris).

¹ A AAPTCP está em diligências junto da Dinalivro, Lisboa, que distribui a obra em Portugal, a fim de conseguir obter alguns exemplares para pôr à disposição dos Associados interessados.

“Petite vie de Pierre Teilhard de Chardin”, Bernard Sesé, Desclée de Brouwer, 2007



Em 1997, Bernard Sesé, professor emérito da universidade de Paris-X-Nanterre, publicou pela primeira vez esta obra, então simplesmente com o título “Pierre Teilhard de Chardin”, na colecção por ele dirigida “Temps et visages”, na editora Desclée de Brouwer. A mesma editora acaba de publicar a 2ª edição, agora numa outra colecção, acrescentando ao título a expressão “Petite vie”.

A obra é uma minuciosa biografia de Teilhard de Chardin, muito documentada com textos seleccionados do biografado e com algumas ilustrações interessantes a p/b. Ambas as edições são introduzidas pelo mesmo prefácio, da autoria de Maurice Ernst, Presidente da *Association des Amis de Pierre Teilhard de Chardin*, Paris, à época da primeira edição. Maurice Ernst, que ocupou este cargo durante muito anos e que foi co-fundador da Associação francesa no final dos anos 50, é tido como um profundo conhecedor de toda a obra de Teilhard de Chardin. Porque este prefácio é um testemunho desse conhecimento e da admiração que dedica à figura de Teilhard, aqui o reproduzimos, em tradução da responsabilidade de TPH:

Prefácio

A publicação de um trabalho apresentando a vida e obra de Teilhard de Chardin é sempre um acontecimento significativo.

Juntando-se a outros índices perceptíveis desde há já vários anos, ele testemunha a actualidade notável do seu pensamento, num momento em que tantos bons espíritos, mais sensíveis a modas passageiras que aos movimentos de fundo que trabalham o nosso mundo no interior da duração da História, o consideravam totalmente ultrapassado ou mesmo definitivamente enterrado.

É que, sem dúvida, Teilhard não tinha sido lido suficientemente em profundidade, como nos incita Bernard Sesé a fazer, tomando pela mão o seu leitor.

Muitos, por exemplo, afirmavam que ele estava «datado» por uma época que aspirava a vastas sínteses, depois reconhecidas como ilusórias, outros, que acreditava num progresso contínuo, quase linear, desmentido sem remissão pelas sombrias realidades do nosso século. A seus olhos, encarnando estas aspirações e esta crença, ele tinha sido arrastado com elas na derrocada. Mas eis que a roda deu mais uma volta. A necessidade de síntese reapareceu com todas as sensibilidades novas que reclamam uma aproximação holística dos problemas relacionados com o homem e o seu envolvimento. Quanto ao progresso linear, não era, na verdade, essa a visão que Teilhard tinha da evolução: desenvolvendo, a partir da observação do passado, a hipótese para o futuro numa direcção positiva a longo prazo, a de um possível êxito do Homem e da Humanidade, ele colocava o acento sobre os tateamentos do processo, o que implicava, para o curto prazo, tanto fracassos como sucessos, e sublinhava os riscos ligados à aparição, com o Homem, numa liberdade de consequências imprevisíveis.

Podiam multiplicar-se os exemplos deste género, mostrando bem que é antes um certo olhar sobre Teilhard que foi ultrapassado, mais do que a sua própria visão.

Acrescentemos aqui que se trata numa visão sempre «aberta», que faz dele um pensador que tanto pode ser um inspirador para os investigadores que ambicionam ultrapassá-lo, como um *maître à penser* para as pessoas que buscam a coerência.

O interesse renovado que ele suscita hoje deve-se a certos traços marcantes da sua personalidade e do seu percurso, bem sublinhados nesta nova obra.

Foi um investigador, e um investigador apaixonado, que devotou inteiramente durante toda a sua vida de trabalho a desenvolver a sua fundamental intuição segundo a qual o Universo é uma Evolução.

Padre e sábio, desenvolveu a sua investigação tanto no plano científico como no religioso, visando encontrar uma coerência entre estas duas vias de conhecimento, sem jamais consentir que uma se sobrepujasse à outra. Fê-lo com um rigor intelectual e moral que, na época, foi reconhecido por todos os seus pares. Por essa via, prefigurava a renovação do diálogo entre Ciência e Fé, hoje observável em tantos lugares e que interessa particularmente àqueles cristãos em busca de coerência. E ele dava, relativamente às precauções a tomar na matéria, um exemplo que permanece perfeitamente válido.

Mas a sua maior originalidade foi, sem dúvida, a de afirmar convictamente que a Evolução observada a partir das origens do Universo prosseguia perante os nossos olhos, tendo passado, com a aparição do Homem, do plano biológico ao plano social e cultural, integrando, por esse facto, factores radicalmente novos, mas, apesar de tudo, continuando a obedecer às mesmas «leis» fundamentais que, para ele, se deduziam da observação do passado: «união criadora» e «complexidade-consciência».

No que diz respeito ao passado, isto é, para tudo o que fica para trás de nós desde o big-bang e, portanto, exposto à investigação científica, a realidade da Evolução impôs-se, desde a época de Teilhard, à maioria dos sábios. A atenção focou-se sobre os mecanismos da Evolução. Convocou o interesse de um número crescente de cientistas de todas as especialidades: astrofísicos, geólogos, paleontólogos, biólogos, antropólogos, informáticos, etc., e deu origem a aproximações interdisciplinares promissoras. Mas, ao mesmo tempo, o debate intensificou-se entre os que deduzem das investigações que a Evolução segue uma direcção determinada e aqueles que, pelo contrário, o negam, debate que se mantém aceso. Ainda recentemente observámos a sua intensificação a propósito de Darwin. Mas também é possível que ele se renove e enriqueça, pois que, a bem dizer, ele se situa

no domínio tradicional da Filosofia quando aborda a relação espírito/matéria e a interrogação de sempre: «Que faço eu aqui? O que é este Universo que me rodeia? Que sentido tem tudo isto?» Ora, é precisamente a esta interrogação, simultaneamente científica e filosófica, que Teilhard respondia na magistral síntese que faz do Homem a «flecha» da «Evolução» e quando reconhecia nesta uma «ascensão do espírito». É por isso que hoje o vemos reaparecer na discussão entre cientistas, invocado por uns como um pioneiro genial e denunciado por outros como um fantasma saindo do túmulo.

O que está em jogo neste diálogo é a singularidade do Homem e, sem dúvida, ganhar-se-ia em serenidade, se cada um se dispusesse a reconhecer que nenhum especialista tem o monopólio do conhecimento sobre o Homem e que muitos progressos terão ainda que ocorrer em certos sectores das ciências humanas, que naturalmente darão origem a novos pontos de vista.

Observemos, por fim, que Teilhard atribuía à Investigação um papel capital, e que, na sua opinião, ela era chamada a drenar a energia humana, anteriormente consagrada à guerra e à produção, para responder a uma necessidade em vias de se tornar cada vez mais vital para o Homem, precisamente a de pôr as mãos nas alavancas da Evolução. Não será isso, em definitivo, que explica a paixão que marca o debate em permanente renascer, atestado, em cada dia, nas estantes das nossas livrarias? Como se todos sentissem verdadeiramente o mesmo que Teilhard sentiu no declínio da sua vida: que, através das discussões sobre a Evolução observável no passado, é o futuro que está em jogo.

De facto, é precisamente na direcção do futuro que, perante os nossos olhos, se intensificam as interrogações dos nossos contemporâneos. Ao afirmar que a Evolução prosseguia, Teilhard abriu uma via que oferece respostas; e aparece então aquilo que, neste momento crítico da história humana, é o mais importante do seu pensamento: a sua universalidade e o seu humanismo, respondendo às aspirações que surgem por todo o lado, dirigindo-se a todos os homens, qualquer que seja a sua raça ou religião, e chamando-os a uma maior consciência e responsabilidade.

É a partir daí que uma nova perspectiva se abre e transvaza completamente os meios demasiado tipificados, do lado cristão ou do lado científico, implicados nas discussões precedentes; e que também rompe os limites do Hexágono², como o testemunha a quantidade de obras publicadas no mundo anglo-saxão, evocando Teilhard sem complexos. E outros actores irrompem em cena: futurólogos, criadores nos domínios mais variados, responsáveis culturais, economistas, políticos, etc., e, mais ainda, muitos homens do nosso tempo, crescentemente submetidos à pressão da Evolução, que buscam referências para compreender o que se passa e poder agir utilmente.

O espectáculo é fascinante para quem teve a oportunidade de percorrer o planeta e de trabalhar com gentes de todos os países empenhadas na acção e procurando reflectir. Como foi o caso do «planeta azul»

contemplado de longe, no espaço, por alguns astronautas dados à meditação.

Desde a morte de Teilhard, há quarenta anos³, vimos multiplicarem-se e acelerarem-se os fenómenos por ele presentidos e cujo significado ele tentou explicar: a descoberta da complexidade como factor-chave, condicionando a acção nos mais variados domínios; a globalização, modificando os comportamentos económicos e políticos, ao mesmo tempo que cria novas inquietações; a emergência duma consciência planetária, manifestando-se em domínios específicos (ambiente, movimentos de solidariedade, acções pela paz, etc.); a afirmação cada vez mais forte do primado da pessoa humana (bioética, direitos humanos); a renovação de expectativas espirituais e o desenvolvimentos de novas religiosidades fora das Igrejas estruturadas; o aumento do desemprego e o sentimento ainda difuso de não se tratar de uma «crise» clássica mas do início duma mutação profunda na orientação da energia humana; a explosão das técnicas de comunicação; a aspiração à unidade, implicando a aproximação das filosofias e das religiões num novo ecumenismo de base, etc. Não é, pois, por acaso, que, mais vez, se começou a falar dele, por boas e más razões, a propósito do «New Age» ou do fenómeno Internet.

Observemos ainda que, nesta nova etapa da sua manifestação, a Evolução desenrolar-se-á em tempo real aos olhos de observadores conscientes. O seu estudo não relevará mais de observações de fósseis com milhares de anos de idade. A cada etapa poderemos ver, reconsiderando o que se passou, se as «leis» muito gerais descobertas por Teilhard se verificaram. Sem qualquer dúvida, o debate sobre haver ou não um sentido na Evolução encontrar-se-á singularmente simplificado...!

É nesta perspectiva «promissora» que convém sublinhar a qualidade notável do trabalho de Bernard Sesé.

A empresa não era fácil. Ele soube combinar, com uma arte consumada, a apresentação da vida de Teilhard e a da sua obra, as quais, na realidade, estão estreitamente ligadas. Fê-lo recortando etapas significativas, cada uma dando lugar a um capítulo curto e bem centrado, o que torna a leitura muito agradável. Mostra muito rigor e discernimento na escolha das citações, o que permite ao leitor escutar o próprio Teilhard no essencial. Adivinha-se, por detrás de tudo isso, o trabalho intenso de releitura a que ele se dedicou. Agradecemos-lhe grandemente por este trabalho.

Possa esta obra encontrar o sucesso que merece, e dar a muitos um desejo irresistível: o de lerem, por seu lado, Teilhard. E de o lerem seriamente, sem se limitarem aos escritos mais conhecidos, mas descobrindo verdadeiramente, tanto através das Obras como das Correspondências, toda a dimensão dum génio de que o nosso país e a humanidade inteira se podem orgulhar.

² Hexágono = França (sua configuração hexagonal) (N.T.)

³ a data da 1ª edição da obra prefaciada foi 1997, i.e., 42 anos depois da morte de Teilhard de Chardin (N.T.)

TEILHARD DE CHARDIN. O HOMEM DOS DOIS REINOS

Conferência pelo Padre Paulo Meneses s.j.,
professor da Universidade Católica de Pernambuco
(<http://www.unicap.br/real/artigos/Texto5PePaulo.pdf>)



Padre Paulo Meneses s.j.

“O homem dos dois reinos” é o título de um belo filme sobre S. Tomás More: ilustre no reino da terra, como estadista, e no reino dos céus como santo e mártir da fé.

Depois dele, ninguém mereceu mais esse título do que Teilhard de Chardin, que se intitulava a si mesmo “filho da terra e filho de céu”. O reino deste mundo no caso, não era o domínio político, como S. Tomás More, mas o universo das ciências. No mundo político houve muitos santos; até reis foram canonizados. Mas no mundo da ciência moderna, nascido fora da Igreja na modernidade, e por ela perseguida literalmente “a ferro e a fogo”, quem pensaria ser terreno propício a um santo, a um místico, que com igual ardor se dedicasse às ciências modernas e à vida em Cristo? O reino político, ao contrário, parecia um mundo a conquistar: a Igreja abraçou com sofreguidão o poder oferecido por Constantino, e Pio Nono ainda no século 19, estigmatizou os sacrílegos que propuseram que a Igreja abrisse mão da soberania sobre grande parte da Itália e se dedicasse ao Evangelho. Através de Padroados, Concordatas e outras astúcias se mancomunou com o poder dos reis, e dos autocratas, lançando raios sobre as heresias que propugnassem a separação da Igreja e do Estado.

As audácias de Teilhard

Foi assim um “trabalho de Hércules” e uma temeridade heróica, dedicar-se à ciência moderna e à sua construção, justamente num ponto sensível como o evolucionismo e a origem do homem: quando a Igreja já tinha desistido de combater o heliocentrismo de Galileu, e voltava seus fogos para novas perigosas heresias das ciências como o evolucionismo, e logo depois a psicanálise, e o que mais surgisse de novo. Pio Nono condenara no seu truculento Syllabus quem dissesse que a Igreja devia reconciliar-se com o mundo moderno, e Teilhard teve a má sorte de surgir no rescaldo da crise modernista, quando Pio Décimo promovera violento expurgo da liberdade de pensamento na Igreja, e fez pairar uma atmosfera de terror inquisitorial sufocante. Felizmente, os tempos da inquisição “hard core” tinham passado, Teilhard não corria o risco das fogueiras “dos bons velhos tempos”; as fogueiras agora eram mais “softs” e mesmo metafóricas; e no entanto muito poderosas para ameaçar o trabalho dos pensadores e do progresso.

Qual é o segredo de Teilhard, que o fez saltar tantas fogueiras, sem um assomo de medo? Uma enorme magnanimidade, a “macropsia” tão admirada por Aristóteles e S. Tomás. A uma grande alma como Teilhard, nada intimida nem faz desesperar, porque tem no seu íntimo a certeza da verdade, e vê na guerra que lhe movem, malentendidos e preconceitos ainda não superados.

Ainda não: essa expressão diz tudo e é a voz mesma da esperança: é a certeza de que esses obstáculos do momento, o próprio tempo vai jogá-los no lixo da história. Não se perde por esperar. Que culpa tinha Teilhard de ter chegado cedo demais, de estar à frente de seu tempo? Mas, por outro lado, quem poderia prever que sete anos depois

de sua morte, o Concílio Vaticano II ia dar à sua Igreja essa abertura de espírito de que Teilhard fora precursor? Que iria reconciliar a Igreja com o mundo moderno? Que João 23 ia adoptar sua terminologia e seus conceitos sobre a socialização, e que um de seus grandes amigos, de Lubac, que escreveu o melhor livro sobre sua vida e sua obra, ia ter um papel de grande relevo nesse Concílio? Quem poderia prever que antes do fim do século, o papa João Paulo II ia declarar que o evolucionismo já não era hipótese nem teoria, mas uma aquisição definitiva da ciência?

Por isso Teilhard não se abalava com as tempestades, mas como não buscava sua glória e sim a verdade, dobrava-se como o caniço, na passagem dos vendavais: fazia o que lhe mandavam, ia para onde o destinavam e lá continuava seu trabalho de cientista. Que lhe importava ser proibido de ensinar no Instituto Católico de Paris e mandado para China se ali ia pesquisar o sinantropo e firmar definitivamente seu nome na ciência? Que lhe importava que lhe proibissem de assumir um posto no Collège de Francee até mesmo de pisar em Paris? Nova York é um bom endereço, e coordenar pesquisas arqueológicas na ONU, um belo desafio intelectual. E foi ali que morreu, na Páscoa de 1955, esse sábio, esse santo, que as perseguições transformaram em herói.

É verdade que a vida de Teilhard estava em oposição frontal com o Syllabus, pois não só defendia, mas tornava uma realidade, a “reconciliação da Igreja como mundo moderno”.

Ainda assim não se explica claramente donde vinha tanta perseguição a Teilhard. Um escritor tão fecundo e original não pôde publicar um só livro em vida. E, contudo sua fidelidade a Cristo e à Igreja, e a lealdade para com sua Ordem, nunca vacilaram. Uma hipótese plausível é que o Geral dos jesuítas o admirava e procurava defendê-lo das investidas dos “dicastérios” romanos e dos denunciadores que tentavam obter sua condenação. Eram tempos de Pio 12. Dando-lhe menos visibilidade, escondendo-o por tantos anos no subcontinente chinês, a milhares de léguas de Roma e de Paris (quando não havia ainda TV mundial nem Internet) pensava preservá-lo e realmente conseguiu. Talvez as longas conversas que foi ter em Roma com seu superior deram a esse o pressentimento de que o tempo trabalhava em favor de Teilhard e de seu pensamento. Se foi assim, o Geral dos jesuítas acertou plenamente...

Teilhard como cientista

Teilhard era um paleontólogo dos mais destacados de seu tempo. Estava começando um doutorado em sua especialidade, quando estourou a primeira guerra mundial e foi convocado para defender sua pátria. Quatro anos de guerra, em que muito reflectiu e escreveu. Na volta, acabou de redigir e apresentou sua tese de doutorado. Suas pesquisas de paleontologia começaram pela Europa; no currículo elaborado por ocasião do convite a integrar o

“Collège de France”, enumera um elenco impressionante de pesquisas realizadas de 1901 a 1945. Depois de um breve período de ensino no Instituto Católico de Paris, donde foi afastado em nome da segurança doutrinária, Teilhard seguiu para Pequim, numa missão oficial do Museu de Paris. Na China, teve um papel importante na descoberta e no estudo do “sinantropo”. Também viajou por todo o continente, indo até ao Turquestão, explorou mesmo a Índia e a Birmânia, visitou a Somália, a Etiópia e a ilha de Java. Sua produção científica é imensa: cerca de 400 trabalhos, repartidos em 20 revistas científicas e publicados, depois de sua morte, em dez volumes (Ed. Walter, Friburgo da Brisgóvia). Nos últimos anos de vida, uma fundação antropológica americana o chamou a Nova York para coordenar a organização planetária de pesquisas concernentes à origem do homem.

Com a morte, sua estrela não se apagou: deixou no campo científico marcas definitivas. Na China sua memória continua viva, como a do Padre Mateo Ricci. Em 2003, foi organizado um Colóquio em Pequim. O Museu de História natural fundado pelo P. Licent jesuíta, com quem Teilhard foi trabalhar em 1923, está agora transferido para um prédio moderno de vidro e aço. Nesse Colóquio, os sábios chineses elogiaram o trabalho científico de Teilhard, por ter estabelecido uma ponte entre a cultura oriental e ocidental. Ressaltaram também a valorização que dava aos chineses, pois entre eles escolhia seus colaboradores e os formava, ao contrário de outros pesquisadores, demasiado ligados a seus países de origem e que preferiam trabalhar com seus conterrâneos. O mesmo sábio chinês diz que na China só se conhecia Teilhard como paleontólogo, e era como tal que ele se apresentava e trabalhava na China. Ignorava-se seu pensamento filosófico, que aliás estava todo por publicar (também na Europa). Para os chineses de hoje, Teilhard é o novo Mateo Ricci dos tempos modernos. Teilhard não era paleontólogo de gabinete: era pesquisador de trabalho de campo, promovendo contínuas escavações com seus discípulos chineses. As descobertas lhe impunham uma constatação inelutável: A biosfera se organiza em uma complexidade crescente. E constata três evidências fundamentais a propósito dessa complexidade: “1) Um maior número de elementos diferentes; 2) uma organização mais complexa desses elementos 3) e uma unidade fundamental mais estreita que é a marca de um progresso mais avançado”.

Mas enquanto prossegue seus trabalhos de cientista, Teilhard aprofunda o sentido do mundo e o de sua vida. Escreve em uma carta: “Quanto mais os anos passam, mais começo a crer que minha função terá sido simplesmente, a de uma imagem reduzida de João Batista, aquele que anunciava e chamava o que devia vir. Ou ainda; suspeito que pedem de mim simplesmente para ajudar uma alma nova a nascer no que já existe. Se me volto para o exame objectivo dos factos e de minha capacidade, termino sempre por concluir que o que me pedem é que, seguindo minha linha individual, seja “companheiro de Jesus” mais a fundo. Se o grande Cristo é bem o que nós cremos, e se ele deseja verdadeiramente servir-se de mim para pregá-lo, é nessa fidelidade que virá buscar-me.”

O “sistema” de Teilhard

O grande espírito de Teilhard nunca se contentou com o estudo de detalhes e minúcias, de particularidades e singularidades, que é a obsessão dos “pós-modernos”. Era um verdadeiro filósofo, e portanto, como queria Platão, era sinóptico: tinha seu olhar fixo no todo, e qualquer elemento particular era visto na perspectiva da totalidade. Como verdadeiro filósofo, era desafiado pelo problema “do uno e

do múltiplo”. E sua concepção era aí original: o “nada” de que tudo foi tirado, significava a “multiplicidade pura”, a indiferenciação absoluta. Deus tirou o mundo do nada dando unidade a seres particulares, na sua multiforme diferença. Sendo Deus a unidade pura, deu aos seres participar de sua unidade, em si mesmos, e tenderem sempre para unidades mais amplas, pois todo o movimento de subida, que Deus imprimiu nos seres desde o começo, é um movimento de “convergência”, como declara no seu aforismo que tudo sintetiza: **“Tudo o que sobe, converge”**.

Os **átomos**, que já são unidades de uma energia complexa, unem-se, permanecendo eles mesmos, na unidade de **moléculas** cada vez maiores. As moléculas subsistem permanecendo elas mesmas, mas de alguma sorte transfiguradas na **célula viva**. As células vivas se unem, de novo, e se especializam – permanecendo elas mesmas em **organismos** cada vez mais diversificados. Processo de complexificação em que a união diferencia! Mas o fenómeno não estaciona com a aparição das **peçoas livres**, no limiar da reflexão. A curva prossegue: As mónadas conscientes, as peçoas livres, se unem em um super-organismo, em um **“ultra-humano”**⁴, mas permanecendo elas mesmas de modo que a união deve fazer-se no nível da nova dimensão aparecida com o limiar da reflexão. Então a unidade que se procura e já começa a criar-se em torno de nós, não é um arranjo casual, e sim, feita “em uma escala nova e com novos recursos”. Trata-se mesmo de um super-organismo. É preciso que as peçoas encontrem sua unidade sendo elas mesmas ainda mais peçoas, isso é, acentuando sua autonomia e transfigurando de maneira insuspeitada, sua personalidade, em uma “super-peçoas”, à escala planetária.

Cada um desses níveis de organização (átomo, molécula, ser vivo, homem) existe em dependência estreita com os precedentes, porém traz uma novidade radical: são graus crescentes de complexidade, mas ao mesmo tempo um “centrar-se” do ser em si mesmo – graus de unificação e por isso, de autonomia relativa. Essa série orientada não é uma construção de nossa imaginação, porque suas etapas aparecem no tempo seguinte dessa mesma ordem de complexidade e de centramento, e essas duas características se traduzem em disposições materiais muitas vezes mensuráveis, em todo caso, identificáveis.

Essa progressão não termina no homem, mas prossegue além dele nos modos de conhecimento e acção próprios do homem. É o movimento que Teilhard chama **socialização**. Socialização é um “retorno da humanidade reflectida sobre si mesma” é um facto positivo que se situa no eixo evolutivo, pois o homem individual só é perfeitamente homem, só chega aos limites de si mesmo em uma solidariedade e pela solidariedade a todo humano, passado, presente e futuro. Deve-se ir conscientemente em direcção de uma socialização que nos torna mais humanos, e é precisamente nessa socialização que a humanidade reencontrará sua alegria de viver. A curva da “complexidade-consciência” manifesta a vinda de uma nova fase evolutiva: a socialização se define como “a forma última da evolução biológica em meio reflectido”. Sinais dessa socialização estão em toda a parte: no trabalho humano em que Marx em seu tempo detectou uma

⁴ Teilhard explica o termo: “ultra-humano” exprime simplesmente a ideia de um humano prolongando-se além de si mesmo, sob uma forma melhor organizada, mais “adulta” que aquela que conhecemos” (Grupo zoológico humano, p. 147)

socialização crescente, e hoje tende a tornar-se um mundo unificado, uma rede de relações e de responsabilidades. O mundo do trabalho tende a ser um mundo de comunicações, onde se criam condições para maior acesso à liberdade, a uma vida mais pessoal, e ao progresso material e cultural.

As comunicações electrónicas – telégrafo, telefone, rádio, televisão, e agora a Internet que Teilhard não conheceu, mas em que veria uma plena confirmação de seus sonhos – une os cérebros de todos os homens fazendo-os pensar e actuar em conjunto, como se fosse um super-cérebro. As informações em tempo real, como vimos há pouco na morte do papa – fazem que milhões e milhões de pessoas participem das mesmas emoções, e interajam através dos continentes formando um só público, um enorme ser colectivo que tendencialmente abarca a humanidade inteira. Claro que o mal não está excluído nem exorcizado desse processo. Mas para Teilhard o mal não tem futuro, a vitória será do bem, e a humanidade socializada descobrirá, cada vez mais, que seu destino é a “**amorização**”, isso é uma expansão de amor que uma definitivamente nossa espécie humana, formando uma unidade de ordem superior de espírito e de liberdade.

Assim aquele impulso “para o alto e para o uno” que fez surgir em patamares sucessivos, os átomos e as moléculas, que confluíram nas células do ser vivo criando a incrível diversidade e união da **biosfera** em nosso planeta; e depois, a vida que como suprema realização viu surgir no homem a consciência e a liberdade, formando a **noosfera**, está agora dando um último e decisivo passo unindo esses seres todos em uma unidade que tudo recapitula e sintetiza, pois isso é a reflexão, o Espírito, a comunhão de consciências.

O “meta-sistema” de Teilhard

Se Teilhard tivesse parado aqui, já teria avançado muito, e visto que a evolução é um fenómeno total, em que a **biogénese** se continua na **noogénese**, e a diversidade cada vez maior converge em uma unidade de ordem superior, agora no nível da “socialização”, ou “amorização”.

Porém para Teilhard tudo isso está imerso em uma transcendência e dela recebe seu sentido. No começo de tudo, está Deus como o ponto **Alfa**, Deus origem de todo ser, que fez nosso planeta literalmente explodir em formas cada vez mais perfeitas de vida. E no termo de tudo, no ápice de seu movimento e de seu sentido, está Deus como o ponto **Ómega**; ou Deus para o qual tudo tende e que, repetindo Aristóteles, “move como objecto de amor”, ou citando Dante, “O Amor que move o sol e as estrelas”. Na linguagem de S. João, Jesus “sabendo que vinha de Deus e voltava para Deus”, está descrevendo o itinerário de tudo o que é criado: a origem e o destino de tudo.

Então, para além dos patamares da **biogénese** e da **noogénese**, deve-se acrescentar a instância definitiva, a **crístogénese**. Aqui Teilhard foi buscar em São Paulo sua ideia do Cristo cósmico, Cristo sentido da criação, seu ponto de convergência e de união, que a tudo vivifica, que está trabalhando no íntimo de todo ser e de toda a evolução, orientando-a para o Pai: o qual é justamente o ponto Ómega, ao qual vai submeter-se e entregar o seu Reino. A crístogénese é também um movimento de subida e de convergência, prenunciado pelas fases anteriores, mas que representa sua realidade definitiva: para Ele existe o cosmo, e só “**por Cristo, com Cristo e em Cristo**” alcança sua plena verdade e seu destino.

Não vamos desenvolver mais este ponto, pois estamos em uma semana de teologia, e certamente os teólogos de profissão já discorreram sobre a teologia de Teilhard.

Teilhard de Chardin, o místico

Teilhard de Chardin não era só um homem de fé, que acreditava em coisas que estão além de sua experiência humana, confiado na palavra de Deus. A mística é uma experiência de Deus; diferente da oração em que a alma se eleva a Deus, objecto da fé; é uma experiência de Deus, outorgada pelo próprio Deus: Deus invadindo a consciência humana, absorvendo a alma em seu amor, por isso a experiência mística está geralmente associada ao êxtase. Nessa contemplação infundida do alto, Deus se comunica, e essa experiência é indizível: não tem tradução em linguagem humana. Uma analogia seria a contemplação ou intuição estética: uma obra prima, uma música, por exemplo, não se traduz em palavras: invade nossa alma e a eleva a um estado de deslumbramento que não cabe em nenhum discurso.

Por exemplo, S. João da Cruz, que era bom poeta além de místico, fez poemas sobre sua experiência contemplativa: mas suas poesias não transmitiam o segredo da comunicação de Deus à sua consciência; eram, por assim dizer, um “efeito colateral”, sua alma que estivera imersa em contemplação, vibrava em acordes de poesia como um reflexo ou um eco de sua experiência mística; mas qualitativamente diversa, pois uma vinha do alto, do Espírito de Deus, e a outra da consciência (e do inconsciente) do homem.

Tem existido místicos em outras religiões e culturas: sempre se soube que os neoplatónicos, Proclo e Plotino foram místicos, que tinham êxtases divinos (patiens divina) e agora se fala de que Sócrates e Platão também o eram. Sobre Sócrates nesse ponto, há o belo livro de Jean Joël Duhot, que traduzi para a Loyola: “Sócrates ou o Despertar da Consciência”. Sabe-se que o filósofo ficava durante horas em êxtases, que lhe vinham quando menos esperava. Sobre Platão, temos o testemunho de uma grande mística e filósofa, Simone Weil, que via nele não só um místico, mas uma das fontes da mística cristã (ver Síntese, nº 101, p. 357). Isso era uma das causas do ódio que lhe movia Heidegger, na esteira de Nietzsche: esse lançava em Platão o supremo insulto de ser um “semita” isso é um “judeu”, um horror para esse precursor do nazismo. Quanto a Heidegger, que era nazista mesmo, e mudou toda a sua interpretação de Platão quando descobriu nele laivos de cristianismo, que a partir dos anos 30 passou a odiar (ibidem). Houve também grandes místicos entre os muçulmanos, pois a religião de Maomé nada tem a ver com Al Qaeda e terrorismo chiíta ou sunita, como espalharam os americanos depois da catástrofe das Torres gêmeas. Como ignorar a imensa contribuição que os árabes deram à cultura europeia?

Mas segundo Bergson, em um dos mais extraordinários livros do século 20, “Les Deux Sources de la Morale et de la Religion” (minha edição é a 33ª, de 1941) diz que “O misticismo completo é o dos grandes místicos cristãos. (...) Uma imensa corrente de vida se apoderou deles; e dessa vitalidade acrescida desprende-se uma energia, uma audácia, um poder de concepção e de realização extraordinárias. Que se pense no que realizaram no domínio da acção, S. Paulo, S. Teresa, S. Francisco, S. Joana d’Arc” (p. 240).

Bergson conheceu Teilhard, com quem muitas vezes dialogou. Essa descrição do místico cristão coincide tão bem com Teilhard, que se pode pensar se não era nele que Bergson se inspirava.

O texto místico mais importante de Teilhard é “**A Missa sobre o mundo**” que Teilhard fez quando estava no deserto de Ordos, (China) numa expedição científica e não tinha condições de celebrar a missa na festa da

Transfiguração que ele particularmente amava. Para ele, a presença de Cristo na Eucaristia transbordava da hóstia sobre o mundo. “*Para além da hóstia transubstanciada, a operação sacerdotal se estende ao cosmo inteiro*”. “*A transubstanciação se expande em uma divinização real, embora atenuada, de todo o universo. Do elemento cósmico onde está inserido, o Verbo age para subjugar e assimilar a si todo o universo*”. “*A Eucaristia opera, além da transubstanciação do pão, o crescimento do Corpo místico, e a Consagração de todo o cosmo*”.

O texto é de grande vibração mística e de muita beleza literária. Vejamos seu começo:

“*Senhor, já que uma vez ainda, não mais nas florestas da França, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, eu me elevarei acima dos símbolos até à pura majestade do Real, e vos oferecerei, eu, vosso sacerdote, sobre o altar da terra inteira, o trabalho e o sofrimento do mundo*”. “*O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro oriente. Mais uma vez, sob a toalha móvel de seus fogos, a superfície viva da Terra desperta, freme, e recomeça seu espantoso trabalho. Colocarei sobre minha patena, meu Deus, a messe esperada desse novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que hoje serão esmagados. “Meu cálice e minha patena, são as profundezas de uma alma largamente aberta a todas as forças que, em um instante, vão elevar-se de todos os pontos do Globo e convergir para o Espírito*”. “*Outrora, carregava-se para vosso Templo as primícias das colheitas e a flor dos rebanhos. A oferenda que esperais agora, aquela de que tendes misteriosamente necessidade cada dia, para aplacar vossa fome, para acalmar vossa sede, não é nada menos do que o crescimento do mundo impelido pelo devir universal*”. “*Recebei. Senhor, essa hóstia total que a criação, movida por vossa atracção, vos apresenta na nova aurora*”.

O texto continua, sempre comovente, e vem em seguida a passagem do **fogo**, certamente uma “visão” de Teilhard, seja como for entendida. Entendo-a como aquelas visões de Ezequiel, ou como as epifanias do Apocalipse. Sua visão era a do fogo que descia sobre a terra e a penetrava toda, fazendo-a capaz de produzir a vida por todos os seus poros. O livro do Gênesis descreve que o Espírito (o vento de Javé) pairava sobre as águas para que delas brotasse a vida. Aqui, no registro dos dois outros elementos, (fogo e Terra) é a mesma visão: o fogo de Deus penetra na Terra para que ele se torne a Mãe de todos os viventes. “Irmão Sol, Irmã Lua”, dizia Francisco. Teilhard diz a “Mãe Terra” que ama como se fosse seu filho.

Para ele, estava esse mundo material totalmente impregnado de Deus, e na verdade, trabalhado em todos seus elementos pela presença de Cristo, como se fosse um prolongamento de seu próprio corpo, ou como se tendo assumido um corpo humano, por irradiação tivesse atingido todo o mundo material, que se tornou seu grande corpo cósmico. Pois Cristo tinha a missão de fazer convergir tudo para o Pai, e para isso se inseria em tudo, dando-lhe esse impulso a Deus a quem iria tudo entregar como também a si mesmo, no final dos tempos. A mística de Teilhard era, como toda a autêntica mística cristã, cristocêntrica. Só que, à diferença dos outros místicos, sentia a Cristo no palpar da vida, na deriva e borbulhar da evolução. “*Calai-vos florinhas, pois já sei que é de Deus que me falais*” dizia S. Inácio. Teilhard teria uma linguagem diferente: “*cresei e subi criaturas todas, abri-vos em diversidade e convergi para a unidade, pois em*

Cristo que está no mais íntimo de tudo, e em que tudo encontra sua consistência, sinto que conflui para Deus”. Para terminar vejamos mais alguns textos da “Missa sobre o mundo” (p. 53ss).

“*Cristo glorioso, influência secretamente difusa no seio da Matéria e Centro deslumbrante em que se ligam todas as fibras inúmeras do Múltiplo; Potência implacável como o Mundo e quente como a Vida; Vós que tendes a frente de neve, os olhos de fogo, os pés mais irradiantes que o ouro em fusão; Vós cujas mãos aprisionam as estrelas, Vós que sois o primeiro e o último, o vivo, o morto e o ressuscitado: Vós que reunis em vossa unidade todos os encantos, todos os gostos, todas as forças, todos os estados: é por Vós que meu ser chamava com um desejo mais vasto do que o universo: Vós sois verdadeiramente meu Senhor e meu Deus!*” “*Encerrai-me em Vós, Senhor!*” “*Toda minha alegria e meu êxito, toda a minha razão de ser e meu gosto de viver, meu Deus, estão suspensos a essa visão fundamental de vossa conjunção com o Universo. Que outros anunciem os esplendores de vosso puro Espírito! Para mim, dominado por uma vocação que penetra até às últimas fibras de minha natureza, eu não quero, eu não posso dizer outra coisa que os inúmeros prolongamentos de vosso Ser encarnado através da matéria: jamais poderia pregar senão o mistério de vossa Carne, ó Alma que transpareceis em tudo o que nos rodeia!*” “*Ao vosso Corpo em toda sua extensão, isto é, ao Mundo tornado por vosso poder e por minha fé o crisol magnífico e vivo em que tudo aparece para renascer, eu me entrego para dele viver e dele morrer, ó Jesus*”.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE TEILHARD (Edições du Seuil, Paris):

- Le Phénomène Humain
- Le Milieu Divin
- Hymne de l'Univers
- Le Christ Évoluteur (Socialisation et Religion)

LIVROS SOBRE TEILHARD:

- Émile RIDEAU – O Pensamento de Teilhard de Chardin (tradução portuguesa, Duas Cidades, 1965).
- Cardeal Henri de LUBAC – La pensée religieuse du père Teilhard de Chardin, Cerf, Paris, 2002.
- Jacques ARNOULD (O.P.) Pierre Teilhard de Chardin (biografia) Perrin (Paris), 2005.

OUTRAS REFERÊNCIAS:

- Jean Joël DUHOT – Sócrates e o despertar da consciência Trad. Paulo Meneses, Ed. Loyola, 2004.
- Édouard BONÉ Deus, hipótese inútil? Posfácio sobre Teilhard, “Filho da terra, Filho do céu” Trad. Paulo Meneses –Ed. Loyola, 2003.

ARTIGOS de REVISTAS:

- SÍNTESE N° 74, p. 345 :P. H. Lima Vaz: Teilhard de Chardin e a Questão de Deus
- N° 101, p. 333: Maria da Penha Vilela: Duas leituras de Platão, Simone Weile Heidegger
- ÉTUDES Mai de 2004, p.665: Henri Madelin, Sur les pas de Teilhard

Pensamentos escolhidos por Fernande Tardivel

(Teilhard de Chardin, "Hino do Universo", Ed. Notícias,
2ª ed., 1996, tradução de Miguel Serras Pereira)

SERÁ DE FACTO VERDADE, SENHOR ?...

Ao propagar a Ciência e a Liberdade, posso adensar, em Si própria como a mim, a atmosfera divina, onde continua a ser o meu único desejo mergulhar. Ao apoderar-me da Terra é a vós que posso aderir...

- Que a Matéria, sondada e manipulada, nos entregue os segredos da sua textura, dos seus movimentos e do seu passado.
- Que as Energias, dominadas, se inclinem diante de nós, e obedeçam à nossa potência.
- Que os Homens, volvendo-se mais conscientes e mais fortes, se agrupem em organizações ricas e felizes, em que a vida, melhor utilizada, dê cem por um.
- Que o Universo forneça à nossa contemplação os símbolos e as formas de toda a harmonia e de toda a Beleza.

... O meu dever é *buscar* – e *encontrar*.

Está em jogo, Senhor, o Elemento em que foi Vossa vontade habitar aqui em baixo.
Está em jogo a Vossa existência entre nós !

« *La Vision du Passé* », (Tomo III, Obras Completas)

LA PENSÉE de Teilhard

« Aussi loin que je remonte dans mon enfance, rien ne m'apparaît de plus caractéristique, ni de plus familier, dans mon comportement intérieur, que le goût ou besoin irrésistible de quelque « Unique Suffisant et Unique Nécessaire ». Pour être tout à fait à l'aise, pour être complètement heureux, savoir que « Quelque Chose d'Essentiel » existe, dont tout le reste n'est qu'un accessoire, ou bien un ornement. Le savoir, et jouir interminablement de la conscience de cette existence : en vérité, si, au cours du passé, j'arrive à me reconnaître et à me suivre moi-même, ce n'est qu'à trace de cette note ou teinte, ou saveur particulière, impossible à confondre [...] avec aucune autre des passions de l'âme... » (XIII, 23)

Pierre Teilhard de Chardin

Faça dos seus amigos, amigos de Teilhard de Chardin
Divulgue a AAPTCP